

## Gestos de leitura em Análise de Discurso na atualidade: a resenha de uma obra

*Reading gestures at Discourse Analysis  
today: a review of a work*

Juciele Pereira Dias\*  
jucieledias@gmail.com

Raphael Trajano de Morais\*\*  
raphademorais@gmail.com



Referência da obra  
resenhada:

FLORES, Giovanna;  
NECKEL, Nádia;  
GALLO, Solange.  
*Análise de Discurso  
em Rede: cultura e  
mídia*. Campinas:  
Pontes, 2015. v. 1.

\*Possui graduação (2006), mestrado (2009) e doutorado (2012) em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Fez doutorado-sanduiche na Universidade de Franche Comté, como bolsista da CAPES-PDEE (2011-2012). Fez pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem e Laboratório Arquivos do Sujeito da Universidade Federal Fluminense (2013-2016).

\*\*Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense. Professor Assistente I de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques.

*Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?*

Roland Barthes (1984, p. 156).

*Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia* é uma obra organizada por Giovanna Flores, Nádia Neckel e Solange Gallo, pesquisadoras da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), que elege o Discurso como objeto de estudo de quinze capítulos de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras<sup>1</sup>, distribuídos em quatro partes: I) Memória e política; II) Línguas e leituras; III) Imagem e mídia; IV) Cultura e conhecimento.

A Parte I, *Memória e política*, conta com quatro capítulos e é primorosamente aberta com o capítulo intitulado *Políticas do esquecimento x políticas de resgate da memória*, de Freda Indursky (p. 11-27), que discute fortemente noções da Análise de Discurso na análise de discursividades constituídas em decorrência da instauração da Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil. De acordo com a autora, a criação da

CNV por uma ex-guerrilheira e vítima da ditadura ao chegar ao poder, possibilitou que “este acontecimento se produzisse e, em seguida, se desdobrasse em paráfrase [...], constituindo um *acontecimento discursivo*, fundador de novas discursividades” (p. 13). Ao mesmo tempo em que formula e teoriza a densa noção de *políticas de resgate da memória*, a autora analisa a produção de sentidos sobre os gestos do trabalho da CNV na mídia eletrônica televisiva, bem como as políticas de renomeação de espaços públicos (escola, rua, ponte) que traziam os nomes de ditadores/torturados e durante as manifestações são renomeados com nomes de torturados dos anos de chumbo da Ditadura Militar. Estas *políticas de resgate da memória* funcionam como um “gesto de resistência aos sentidos e silêncios que foram impostos sobre essas vítimas” (p. 26), porém, essas renomeações jogam para dentro da “dobradura da memória” nomes

<sup>1</sup> UFRGS, Univás, Unisul, UCPEL, Unicamp, UFSC, Unesp, UFF, UESB, UFPE.

que fazem retornar sentidos dos anos de chumbo, de modo se questiona se não poderiam vir a construir outra via do que a autora denomina “*política do esquecimento*” ou ainda uma “*desmemória*” (p. 25-26).

Com a temática dos acontecimentos trágicos da imigração na atualidade, Maria Onice Payer nos brinda com um excelente capítulo intitulado *Imigração à deriva e efeitos de extraposição discursiva* (p. 29-54), em que discute os discursos *sobre* a imigração, considerando as navegações, os naufrágios e os imigrantes à deriva no Mediterrâneo. Esses discursos sobre a imigração, fortemente em circulação por imagens e enunciados na mídia internacional, demandam por interpretação e, nesse segundo capítulo da obra, eles são analisados pela autora, que os coloca em relação com discursos sobre a emigração italiana para a América durante o período industrial republicano, em um batimento entre as semelhanças e as diferenças desses dois movimentos: o de uma sociedade industrial e o de uma era tecnológica e da informação. A questão de investigação do trabalho se centra na

“*extraposição* do imigrante em relação a lugares discursivos supostos no discurso *sobre* a imigração” (p. 30), ou seja, sobre o modo como as contradições constitutivas dos discursos sobre a imigração se inscrevem de forma “forçosa em relação a lugares discursivos pré-estabelecidos, que a eles se extrapõe (extrapola)” (p. 31). Pelas excelentes análises, Payer compreende que as relações constituídas entre as posições do discurso *sobre* a imigração passam – em meio a confrontos/integrações de elementos dos distintos universos – a constituir os discursos *dos* imigrantes, produzindo *para o* imigrante possíveis caminhos/sulcos de experiência com a linguagem, em um novo lugar.

O terceiro capítulo, de autoria das organizadoras da obra Giovanna Flores, Nádia Neckel e Solange Gallo, traz à cena uma necessária análise do enunciado “#VemPraRua”, que tem circulado nas manifestações dos últimos três anos seja nas ruas, seja nas redes sociais. Sob o título *Vem pra rua: sentidos em deslizamento na cena política brasileira* (p. 55-72), o objetivo desse trabalho é o de compreender o movimento do político da/

na linguagem, tendo como corpus 38 enunciados de cartazes e 8 imagens que circularam na mídia eletrônica, produzindo distintos sentidos nos protestos de 2013. As autoras propõem a denominação *autorreferentes* (imagéticos) na análise dos enunciados em relação ao funcionamento discursivo do enunciado “VEM PRA RUA. Vem (você que está aí) pra (cá) rua!”, determinado pelas condições de produção do político no digital, o que “faz coincidir o espaço privado com o espaço público” (p. 65). Tal enunciado “Vem pra rua”, segundo as autoras, produz um gesto político que materializa a própria contradição do sujeito no contemporâneo e se faz repetir nas manifestações de 2014, produzindo derivas de sentidos outros, tais como de “rua” a “arena”, a “palco”.

Na sequência, fechando esta primeira parte do livro, que conta com densas discussões teóricas e analíticas, temos o quarto capítulo, de Naiara Souza da Silva e Ercília Cazarin, intitulado *Demônio da Tasmânia: diferentes leituras dessa tatuagem* (p. 73-91). Propondo uma discussão sobre a questão dos sentidos da inscrição da tatuagem no corpo de sujeitos em situação de conflito com a

lei do Estado, as autoras propõem a tatuagem materializada no corpo como um texto e recortam como objeto de análise as diferentes leituras da tatuagem *demônio da tasmânia*, produzidas em uma *Cartilha de Orientação Policial – Tatuagens*, elaborada pela Polícia Militar do Estado da Bahia, a partir de uma entrevista oral com um sujeito tatuado. É interessante a forma como as autoras confrontam sentidos predeterminados por esse instrumento didático com as discursividades sobre alguns casos de abusos policiais em circulação por vídeos na rede de compartilhamentos, o *Youtube*. Uma grande contribuição do trabalho se centra na leitura das imagens predeterminadas pela Cartilha, que tem um funcionamento autoritário e não didático, retendo a polissemia e a maneira como essa leitura produzida pelas autoras é contraposta com sentidos produzidos na posição sujeito tatuado, em que sentidos da inscrição do personagem “Taz” no corpo estão em relação com “um Demônio de Tasmânia” e as “asas de anjo”.

A Parte II do livro, *Línguas e leituras*, é composta por quatro capítulos que se dedicam a discutir a noção de leitura

em diferentes perspectivas teóricas, e trazendo para a análise objetos que se relacionam com questões sobre o ensino de língua tanto na escola quanto na universidade. Em uma abordagem discursiva, Claudia Castellanos Pfeiffer nos apresenta com mais um imprescindível texto na área da História das Ideias Linguísticas, intitulado *Discursos sobre a língua escolarizada, leituras possíveis* (p. 95-108), em que analisa discursos sobre a língua escolarizada com o objetivo de compreender o processo de institucionalização da língua portuguesa no Brasil, produzindo um lugar de escuta social, conforme Pêcheux. Inscrevendo sua pesquisa em uma relação com outros trabalhos produzidos na área, como os de Marisa Vieira, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, Bethania Mariani, Lauro Baldini, Amanda Scherer, Verli Petri e outros, a autora problematiza as relações entre escrita/oralidade, escrever/ler, com a ideia de alfabetização e o modo como essas relações determinam a construção de evidências sobre o sujeito brasileiro, o sujeito escolarizado, o sujeito urbano. No que diz respeito aos sentidos produzidos em/sobre a língua portuguesa e a constituição do sujeito, Pfeiffer

atenta para o fato de que é preciso se trabalhar “com o ensino de um lugar onde a técnica não sobredetermine os gestos de interpretação, as leituras possíveis, lidando assim com a ordem do político” (p. 106) dos dizeres no espaço escolar.

Na esteira dos trabalhos sobre leitura no espaço escolar, mas também em espaços outros, Maria José Coracini escreve ao se inscrever no capítulo intitulado *Leitura ou interpretação: pulsão escópica e gesto de violência* (p. 109-125), desenvolvido nas perspectivas teóricas de Michel Foucault e Jacques Derrida. Com uma fluidez teórica, a autora retoma a noção de leitura enquanto interpretação ou compreensão, discutida em suas obras anteriores, e as atualiza em relação à noção de leitura como um gesto, um corte, uma violação (necessária) da tessitura do texto para que o leitor se inscreva produzindo sentidos outros. Na análise do filme *Hanna Arendt* e também das ideias dessa filósofa alemã concernentes à discussão, Coracini mobiliza noções de leitura a partir de resultados de suas pesquisas publicadas em duas de suas obras organizadas e re-

editadas pela autora: *O Jogo Discursivo na Aula de Leitura e Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Numa dentre tantas contribuições, em um gesto de leitura sobre a noção de pulsão na perspectiva lacaniana, Coracini coloca que “ler como compreender ou interpretar apela sempre para o desejo”, bem como cada gesto de leitura ou interpretação deixa uma cicatriz, marcas impressas que apontam para experiências, vidas do texto (p. 118).

Os dois capítulos seguintes, que fecham essa segunda parte, trazem a discussão do tema do plágio e da autoria na escrita de leitura acadêmica. Este é um tema contemporâneo que desconforta pesquisadores, seja na posição de quem produz um trabalho acadêmico, seja na de quem orienta e compartilha de uma responsabilidade ética e política de interpretar, segundo Pêcheux. No sétimo capítulo da obra, Sandro Braga é o autor de *O sujeito submetido à língua escrita sob o viés dos gêneros acadêmicos: é possível ser autor da posição-sujeito aluno-universitário?* (p. 127-154), em que adentra com propriedade na investigação das formas como o sujeito na posição aluno-universitário produz sentidos para a leitura e a escrita

no âmbito no letramento acadêmico, mobilizando noções de texto e de autoria em relação às (im)possibilidades do sujeito se inscrever nessa produção do conhecimento científico na Universidade. Na discussão proposta por Braga, são problematizadas questões contemporâneas, como o batimento entre o medo de plagiar e o medo de não ter nada a dizer no texto científico ou, dito de outro modo, é colocada em cena a “contradição que consiste na necessidade de se colocar no texto para dizer e, ao mesmo tempo, se afastar para poder dizer” (p. 127).

Com o capítulo intitulado *A ‘morte do autor’, a leitura de outrem e a construção autoral* (p. 155-173), Maria Marta Furlanetto fecha essa segunda parte com uma discussão sobre a autoria, que implica uma tríade: a leitura, a escrita e a “pontuação”. Já na abertura de seu texto, Furlanetto nos brinda com a epígrafe de Roland Barthes, a qual reproduzimos desta resenha. É pela noção de leitura para Barthes, passando também por noções de Shopenhauer e De Certeau, que a autora nos conduz por trajetos teóricos em uma discussão e análise sobre a questão do plágio a partir de Orlandi, que trata

de cópia, plágio e meio plágio como mecanismo de “apagamento da autoria” em relação com a noção de heterogeneidade discursiva. Ao final desta parte, nossa leitura já marcada pelos movimentos de “levantar a cabeça” – passamos a levantar a cabeça produzindo sentidos outros sobre esse próprio gesto na/de leitura.

Abrindo a Parte III do livro, *Imagem e Mídia*, com seu artigo *Paráfrase da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco* (p. 177-189), Suzy Lagazzi analisa fotogramas que nomeia como “Cenas de um social dividido”, presenteando-nos, destarte, com a retomada do procedimento parafrástico, com destaque para a exploração do primado da descrição. Trabalhando com o objeto em termos de composição textual, a proposta é tratar a imagem, sob uma perspectiva discursiva, observando a remissão constitutiva do intradiscurso ao interdiscurso, à memória do dizer, dando a ver o jogo parafrástico constitutivo da linguagem (neste caso, de toda forma de linguagem). Isto requer que se aborde a materialidade imagética/visual partindo do princípio de sua deslinearização, levando-se em conta que ela se constitui em/de um funcionamento que não é organizado por meio de uma sequência linear de elementos

em relação. É assim que a autora nos oferece mais uma grande contribuição, ao cunhar a noção de *cena prototípica* que tende a auxiliar o analista do discurso em sua tarefa de buscar compreender o trabalho da equivocidade da composição do visual – um trabalho de compreensão muito caro à Lagazzi, o qual tem perpassado inúmeras de suas produções. Por fim, trata-se de um artigo que brinda o leitor com mais uma bela reflexão sobre a análise do imagético, para juntar-se a tantas outras que têm sido referência indispensável nos estudos discursivos sobre a imagem em seus trajetos de memória.

O artigo *Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na WEB* (p. 191-211), assinado por Maria do Rosário Gregolin, mobiliza os estudos sobre o corpo na obra de Michel Foucault, a fim de discutir, com extraordinária acuidade, as relações entre discurso, imagens e mídia. Lançando mão do conceito de *heterotopia*, o texto destaca a elaboração do filósofo francês em sua consideração da modernidade como marcada por espaços ambíguos, nos quais convivem distintos objetos e temporalidades. A autora propõe, de maneira arguta e assaz proeminente, tratar a WEB, nos lugares contraditórios inaugurados pela mídia

digital, como a heterotopia por excelência do século XXI. Desse modo, convida o leitor a deleitar-se em sua proposta de pensar sobre e promover discussões acerca do corpo na contemporaneidade, como “forma simbólica de produção de subjetividades e discursividades”, enquanto “materialidade significativa produzida historicamente” (p. 191). Para sustentar os pressupostos teóricos em questão, Gregolin proporciona ao leitor o estabelecimento de contato com análises demasiado finas e perspicazes, as quais têm como objeto imagens postadas em blogues e redes sociais. Assim sendo, estamos diante de um trabalho singular, cuja leitura conduz a importantes reflexões. Mais uma obra que se anuncia como importante referência para pesquisadores que se inclinam a pensar o estatuto do corpo, relacionando discurso, imagens e mídia.

Silmara Dela Silva, em *(Des)construindo o acontecimento jornalístico: por uma análise discursiva dos dizeres sobre os sujeitos na língua* (p. 213-232), apresenta uma obra que se entrelaça de maneira consequente como fio indispensável à textura constituída no livro. A pesquisadora revisita o conceito de acontecimento discursivo - que se define como o encontro entre memória e atualidade -, a fim de

trabalhar sua noção de acontecimento jornalístico e, assim, poder pensá-lo como prática discursiva. Para tal, analisa dizeres da mídia sobre sujeito, em revistas autodenominadas como veículos de informação. Uma análise densamente fundamentada, cujo interesse se organiza em torno da labuta de continuar refletindo, como a autora tem feito em seus trabalhos mais recentes, sobre a sustentação da produção de discursos jornalísticos como construídos mais do que meramente por fatos. Afinal, esta construção do discurso como realidade e/ou a sustentação de qualquer possibilidade de imparcialidade/isenção não passa de um esforço na produção de evidências de sentido que se podem estabilizar como verdades, pela denegação da assunção de posições discursivas ideologicamente determinadas. Tal sustentação, de acordo com a autora, deve ser pensada como gesto de interpretação, o que reserva para a teoria do discurso e seu aparato metodológico, cuidadosamente mobilizados neste suntuoso trabalho de Dela Silva, um lugar imprescindível em análises sobre o discurso jornalístico.

*Materialidades da ansiedade: corpo e retorno a si em filmes de fadas* (p. 233-257), de Nilton Milanez, é mais um daque-



les textos que nos despertam para algo novo e instigante. O que se nos coloca sob a apreciação é uma análise precisa sobre o tema da ansiedade, uma questão atual que merece cada vez mais reflexões. Adota-se como *corpus* desta pesquisa obras cinematográficas que se inscrevem no universo dos contos de fadas. Quanto ao tratamento conferido à materialidade submetida à análise, chama a atenção a autenticidade no modo como o autor observa aquilo que considera como regularidades audiovisuais que materializam ansiedades do sujeito. Tem-se, portanto, para além de uma reflexão importante sobre um tema contemporâneo, um avanço nos domínios da análise de diferentes materialidades postas em relação na composição de um objeto. Desse modo, pode-se dizer do artigo de Milanez que ele dá conta, com firmeza e fineza, da incumbência de demonstrar o modo como o que se marca, nas materialidades, como (des)ordem e des(controle), está sujeito a deslocar sentidos, conduzindo o processo de ansiedade do lugar de perda do controle pelo sujeito, em direção ao reencontro desse sujeito consigo mesmo.

A Parte IV, *Cultura e conhecimento*, traz como texto de abertura o artigo *Entre o sujeito usuário e o sujeito do conhecimento:*

*contradições e atravessamentos no discurso da escrita dos AVAs* (p. 261-278), de Evandra Grigoletto. Apresentando uma proposta de análise que nos prende em suas teias de formulação, a autora dá prosseguimento a reflexões anteriores, para conferir destaque às mudanças promovidas, a partir da Internet, nos processos de produção de conhecimento. Tendo isto em vista, toma como objeto de análise o discurso produzido por alunos em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). O objetivo é, pois, investigar aspectos inerentes à representação da escrita que constitui o sujeito, atentando para a relação entre o que Grigoletto denomina como “sujeito usuário” e “sujeito do conhecimento”, além de como se constrói, em tal relação – por meio da tecnologia – a inclusão/exclusão desse sujeito. Isto culmina por dar a ver a operação de deslocamentos, os quais trazem à baila novos sentidos, que emergem a partir do confronto estabelecido pelas relações de força entre discursos inscritos em diferentes posições. Contemplamos, assim, no fluxo da proposta da autora, mais uma empreitada que certamente se constituirá como referência, tendo como ponto forte uma discussão potente, abalizada na relação entre discurso, sujeito e sentido na Internet.

Em seguida ao artigo de Grigoletto, uma obra pujante: *A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea: redes, memória e circulação* (p. 279-291), brilhantemente assinada por Cristiane Dias. A autora, de antemão, lança perguntas que estimulam seus movimentos de incursão pelas linhas de um texto que inter-relaciona teoria e prática, enquanto indissociáveis, de uma forma peculiarmente certa: o que determina a produção de conhecimentos e a constituição de sujeitos em uma *sociedade das tecnologias digitais?*; que conhecimento é esse organizado em redes cujo acesso é a conectividade?; que efeitos este modo de organização produz no próprio sentido do conhecimento? O que se nos apresenta a seguir é uma reflexão profundamente motivadora, como de praxe nos trabalhos da pesquisadora. De tal modo, constrói-se um empreendimento exemplar, que leva o leitor a compreender como o sentido de conhecimento produzido pelo movimento da circulação tende a promover o apagamento dos movimentos de constituição e formulação, seguindo as trilhas indicadas pela agudeza analítica de Cristiane Dias.

Por fim, Silvânia Sieberr lança seu artigo

intitulado *Transfiguração: o movimento dos sentidos entre a escrita e a imagem* (p. 293-305), em que problematiza, trazendo uma reflexão ímpar, as noções de tradução e transferência, tomadas como procedimento analítico para leitura e interpretação de obras adaptadas. Para isso, submete à análise aquilo que aborda enquanto produção enunciativa do sujeito adaptador, isto é, o sujeito que produz uma versão audiovisual adaptada a partir de uma obra fonte. Dessa maneira, parte da noção de incorporação, proposta pelo filósofo francês Michel Pêcheux, precursor da Análise do Discurso, para oferecer sua contribuição aos estudos do discurso a partir da noção de transfiguração (de um texto fonte para sua versão audiovisual adaptada). O diferencial trazido por esta noção está no fato de marcar o movimento entre a escrita e a imagem, apresentando uma terminologia que assinala uma indispensável mudança de materialidade e de discurso. Desse modo, a autora encerra com chave de ouro a obra *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*, que tem tudo para se consolidar como referencial imperioso a estudos que abordam como objeto discurso, sujeito, sentido e(m) rede.